

#### 4. Converter-se da acusação do outro

"Senhor, quem entrará na tua tenda, quem encontrará descanso na tua santa montanha? (...) Aquele que anda irrepreensivelmente, e faz justiça; quem diz a verdade em seu coração; que não profere calúnia com a sua língua; quem não faz o mal ao seu próximo; quem não aceita o insulto contra o seu próximo." (RB Pról. 23,25-27; Sl 14,1-3).

Desde o prólogo da Regra, a primeira conversão para nos abrir à misericórdia que São Bento nos pede, é aquela de renunciar de acusar os outros. Mencionei na minha Carta de Pentecostes deste ano, mas gostaria de aprofundar este tema convosco, meditando a Regra, porque todo o Novo Testamento, como toda a tradição monástica, insistem muito sobre isto, e insistem como condição para sermos salvos, para sermos perdoados por Deus, para obtermos misericórdia, e para nos tornarmos verdadeiramente misericordiosos, como o Pai.

A acusação do outro, é a consequência imediata do pecado original. Certo, antes tem a vergonha da própria nudez (Gn 3,7), depois esconder-se de Deus (Gn 3,8), mas se poderia dizer que o primeiro pecado, depois do pecado original, consistiu no acusar o outro para não ter que assumir, a responsabilidade da própria culpa: "A mulher que colocastes ao meu lado, me deu o fruto da árvore, e eu comi" (3,12). "A serpente me enganou e eu comi" (3,13).

Inocentes ou culpados, a partir do pecado original em diante, existe em nós a tendência de acusar os outros, de querer ser inocentado colocando a culpa no outro. Jesus evidenciou bastante esta tendência, na parábola do fariseu e do publicano que vão ao templo para rezar (Lc 18,9-14). São Lucas nos diz também, para quem Jesus narra esta parábola: "Disse ainda esta parábola para os que tinham a íntima presunção de ser justos e desprezavam os outros" (18,9). E as palavras postas na boca do fariseu, ilustram esta presunção: "Ó Deus, te agradeço porque não sou como os demais homens, ladrões, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou o dízimo de tudo que possuo" (18,11-12).

Este fariseu é uma mistura de orgulho e desprezo. Seu orgulho coincide com seu desprezo. Sua sensação de estar certo, é alimentada ao considerar todos os outros injustos. Precisa desprezar os outros, para estimar a si mesmo. Afinal, como muitas vezes acontece, é um homem que tem baixa auto-estima, mesmo se não admite para si mesmo, e não encontrando motivos para verdadeira auto-estima, deve procurá-la naquilo que falta nos outros ou que ele pensa que falta nos outros.

Não precisa nem mesmo de Deus. Agradece a Ele, por ser diferente dos outros, mas não pede nada a Deus. Basta-lhe isto, lhe basta que Deus sirva para alimentar o seu orgulho. Vai rezar no templo, se coloca na primeira fila, mas não pede nada, não necessita de Deus. Ele não tem dívidas com Deus. Jejuo duas vezes por semana, paga o dízimo daquilo que possui: está tudo certo; a Deus não deve nada mais, e de Deus não espera mais nada. Como Deus concede que seja melhor que todos os outros, não precisa de nada mais.

Aqui devemos notar um aspecto, muito grave, do orgulho que acusa os outros e não a si mesmo, que o próprio orgulho impede ver: a idolatria. Este fariseu, no fundo, vive na

idolatria, porque não adora mais a Deus, mas a si mesmo, o sentimento orgulhoso que tem de si mesmo. Sentindo-se melhor, mais justo, mais honesto, mais puro que os outros, este homem adora a si mesmo, encontra alegria plena em si mesmo. E se mostra, senta-se na primeira fila, para ser admirado e invejado por todos, e assim é como se pedisse que os outros também o adore, participem de sua idolatria de si mesmo.

Nesta parábola, Jesus faz um pouco a caricatura deste fariseu, mas o faz para que cada um de nós, se deixe provocar por esta imagem grotesca, e se examine honestamente. Porque, esta tendência de adorar-nos, está dentro de cada um de nós, e com esta, a tendência a desprezar os outros, a fim de poder valer mais do que eles. Não eram, talvez, os apóstolos de Jesus, que brigavam entre si, até durante a Última Ceia, para saber "qual deles deveria ser considerado o maior" (Lc 22,24)? Eles também, mesmo diante de Jesus, que começa a sofrer a Paixão iminente, não conseguem conter esta tendência doentia, de querer valer mais que os outros, a valorizar-se desprezando os outros.

São Bento é consciente que quem entra no mosteiro, quem pede para viver em comunidade, quem quer aprofundar a relação com Deus, tem de lidar com esta tendência que o pecado original colocou em nós, e, portanto, deve se preparar para se converter nisto, mais que todas as outras tendências doentias de nosso coração. Por isso, o grande trabalho ascético que propõe a Regra, é aquele da humildade exercitada na comunidade, ou seja, a humildade que mortifica a tendência de desprezar os outros para estimar-se. Não por nada, a escala da humildade culmina, no décimo segundo degrau, no modelo do publicano "com os olhos fixos no chão" (RB 7,65), não faz mais nada, a não ser implorar misericórdia: "Ó Deus, tem misericórdia de mim pecador!" (Lc 18,13).

São Bento chama este homem humilde: "*publicanus ille evangelicus* – aquele publicano do Evangelho". Claro, o diz, acima de tudo, no sentido que é o Evangelho que fala dele. Mas talvez devemos entender o termo literalmente, no sentido que a figura deste publicano, arrependido e suplicante, que não acusa ninguém, mas apenas si mesmo, e que por isso é justificado por Deus, é uma figura "evangélica", encarna, isto é, uma "boa notícia" para nós, expressa em maneira especial o anúncio de Cristo, ou seja, o próprio Cristo, o Verbo da vida. O fariseu é uma figura de morte, de tristeza. Seu orgulho que despreza todos, não é um "caminho de vida" (RB Pról. 20), sobre o qual, somos "guiados pelo Evangelho" para seguir Cristo (Pról. 21) até habitar na tenda do Senhor (Pról. 22).

Nisto, São Bento, é o herdeiro da tradição monástica, que começa com os padres do deserto. Para os padres, a acusação de si, ao invés dos outros, é realmente o caminho da vida, porque é o caminho da misericórdia, da misericórdia de Deus sobre nós e entre nós.

Por exemplo, Abbá Poêmen dizia: "Nós e nossos irmãos somos duas imagens: quando o homem olha para si mesmo e se vê desprezível, acha louvável seu irmão; mas quando lhe parece de ser bom, acha o irmão mau, comparado à ele" (Apoftegmas, Série Alfabética, Poêmen 148)

Por isso, a um irmão que lhe pergunta, como se perguntava sempre a um Abbá: "O que devo fazer?", Poêmen responde, citando o Salmo 38: "Está escrito: *Vou anunciar a minha injustiça e me lebrarei do meu pecado*" (Ibid. 153; Sl 38,19).